

# Entre muros e mulheres: a arte de Kika Carvalho e a identidade feminina

*Between Walls and Women: The Art of Kika Carvalho and Feminine Identity*

**Ana Oliveira**

(DINÂMIA'CET-Iscte, Portugal)

**Hugo Bernardino Rodrigues**

(LEENA, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Bolsista FAPES)

**João Victor Silva Fernandes**

(LEENA, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

**Mariana de Araujo Reis Lima**

(LEENA, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

**Resumo:** Este artigo analisa a trajetória de Kika Carvalho, explorando sua vivência cotidiana e as questões de identidade que permeiam sua arte e vida privada. Através de seus grafites, Kika expressa a construção de uma identidade feminina, ocupando um espaço historicamente dominado por homens. O estudo busca evidenciar o grafite como uma forma de expressão sociocultural significativa, cada vez mais presente nas paisagens urbanas.

**Palavras-chave:** arte contemporânea, grafite, mulheres, Kika Carvalho, identidade.

**Abstract:** *This article analyzes the trajectory of Kika Carvalho, exploring her everyday experiences and the identity issues that permeate her art and private life. Through her graffiti, Kika expresses the construction of a feminine identity, occupying a space historically dominated by men. The study aims to highlight graffiti as a significant form of sociocultural expression, increasingly present in urban landscapes.*

**Keywords:** *Contemporary Art, Graffiti, Women, Kika Carvalho, Identity.*

## Introdução

O graffiti, frequentemente interpretado pela grande massa como uma forma de vandalismo, tem emergido como uma poderosa linguagem visual nas paisagens urbanas contemporâneas. Integrado à dinâmica das grandes cidades brasileiras e de diversos outros países, esse movimento artístico pautado em raízes subversivas, busca transcender a estética, ao se apropriar do espaço urbano em sinergia com as expressões culturais das identidades locais (Guerra, 2019). Em um mundo cada vez mais marcado pela homogeneização cultural, o grafite se destaca por sua capacidade de oferecer voz a grupos historicamente marginalizados, como as mulheres, os jovens e as comunidades periféricas (Guerra, 2020a). Ao transformar paredes, costumeiramente deterioradas pela ação antrópica e da natureza em enormes telas em branco, os grafiteiros buscam estabelecer um diálogo com a comunidade com a qual estão inseridos, traduzindo suas experiências, memórias e anseios em imagens que, embora muitas vezes desafiadoras, revelam a riqueza da cultura urbana.

Além disso, a prática do grafite desafia as normas sociais e artísticas, colocando em questão o conceito de arte e onde ela deve/pode ser exibida, segundo Andrade; Lamas (2021). Apesar de diversas pesquisas abordarem o grafite, a pichação e outras formas de arte urbana para discutir seu valor artístico e cultural, poucas se aventuram a analisá-las sob a perspectiva do patrimônio cultural, em função de sua natureza efêmera. Assim, as ruas se tornam um espaço de resistência, onde cada grafite carrega consigo uma mensagem, uma crítica ou uma celebração da vida cotidiana. Nesse contexto, Kika Carvalho se destaca como uma das artistas que se valem dessa forma de representação artística para explorar temas relacionados à identidade feminina e à cultura capixaba. Sua obra, marcada por uma sensibilidade única, aborda as experiências das mulheres em Vitória, especialmente na Ilha das Caieiras, um bairro que, apesar de seu estigma de violência, se torna um campo fértil para a expressão artística e a construção de novas narrativas.

A cor azul é elemento central em seus trabalhos dialogando diretamente com a ancestralidade negra. De acordo com Gomes (2023), essa escolha cromática se inicia no período em que Kika Carvalho ainda era estudante de artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ganhando destaque em suas produções quando descobre que o *Lapislazuli ultramar* (pigmento de alto valor na história da arte europeia) vinha do norte do continente africano. A partir de então, a artista passou a reconectar a ancestralidade ao sentido do azul nos seus projetos.

Outro ponto de destaque na poética de Kika Carvalho é a sua forte relação com a educação social e os direitos humanos, algo que é reverberado em diversos trabalhos, sobretudo pensando na presença feminina na esfera pública, traduzidos aqui como uma *poesia visual/social*. Dessa forma, sua linguagem por meio do grafite, pode ser lida como simultaneamente estética e política,

provocando reflexões sobre as dinâmicas sociais e culturais que moldam a vida urbana. Assim, este artigo explora a trajetória da artista, destacando como sua obra contribui para a revitalização do espaço urbano e a valorização da presença e identidades femininas na construção das paisagens da cidade.

## **O Graffiti como apropriação urbana e expressão artística**

Atualmente, o graffiti integra a paisagem das grandes cidades no Brasil e em diversos países ao redor do mundo, tornando-se cada vez mais raro encontrar ruas e bairros onde não se observe sua presença (Guerra, 2022). Originado de movimentos de expressão marginal, o grafite evoluiu para uma forma de arte urbana reconhecida, que representa uma apropriação do espaço urbano. Por meio dessa prática, estabelece-se um diálogo com os habitantes da cidade, utilizando imagens que raramente são compreendidas pelo público em geral. Conforme destaca Gitahy (2006), tais imagens podem ser «figuras presentes no inconsciente coletivo das pessoas, para que elas as reconheçam, apropriando-se delas com suas interpretações, fazendo-as refletir a respeito da espontaneidade e da poesia disponível a todos» (Gitahy, 2006, p.35).

Apesar da proliferação de imagens que atualmente povoam as cidades contemporâneas, é comum que os grafites provoquem ressonâncias, gerando comentários tanto em nível individual quanto coletivo, bem como em instâncias superiores, como o governo e a mídia (Guerra, 2020b). Essa ressonância ressignifica a obra e cria um processo de negociação entre a produção artística e o público. Segundo Freitas (2000, apud Bakhtin), a forma como cada transeunte interpreta uma imagem fixada nas paredes depende de fatores como o contexto histórico, o grupo social, as experiências individuais e o sentido ideológico vigente, além da vivência imediata daquele que contempla e interage com a obra.

Grande parte das produções do grafite ocupa superfícies antigas, carcomidas, sobre paredes gastas, que estariam demandando restauração ou novas demãos de tinta. A partir dessa constatação, podemos supor que o grafite serve à memória, chamando atenção para a cidade passada, já marcada pelas intempéries da história. A própria cidade também é entendida como um macroorganismo igualmente dotado de sensibilidade, de memória e de um imaginário que estaria sendo processado e “ressemantizados” pela grafitagem (Silveira, 2012, p. 40).

A institucionalização do grafite tem ocorrido de maneira crescente, com sua presença em campanhas publicitárias e em projetos dos governos federal, estadual e municipal. Além disso, o grafite vem ocupando espaços institucionais de arte, como museus e galerias, tanto públicos quanto privados, e tem se tornado um tema cada vez mais discutido no meio acadêmico (Guerra, 2019). No artigo intitulado “A restauração da cidade subjetiva”, de Félix Guattari (1992), o autor desenvolve a ideia de que uma ordem objetiva mutante pode nascer do caos atual das nossas cidades e uma nova poesia, uma nova arte do viver. Assim, o grafite estaria a serviço

do revigoramento subjetivo da cidade. O grafite remarca a efervescência dos fluxos urbanos e os convites do olhar, conferindo a essas dinâmicas um caráter poético em uma tentativa clara de ganhar da pressa inerente à vida contemporânea. Dessa forma, Argan (2014) classifica a cidade como um espaço visual. Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro para ver o que estão fazendo do outro lado, imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casebre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiada estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado ou até mesmo proibido naquele determinado ponto da cidade.

Particularmente, na cidade de Vitória, a presença do grafite é cada vez mais significativa. Seja por meio de desenhos elaborados, simples ou *bombs*<sup>1</sup>, é possível observar a evolução estética dos grafiteiros à medida que seus trabalhos se expandem pela cidade. Além disso, novos grafiteiros têm surgido, integrando-se às *crews*<sup>2</sup> já existentes, fundando novas ou atuando de maneira independente. Entre os locais grafitados, destacam-se espaços de grande circulação, como as principais vias rodoviárias da cidade — Avenida Nossa Senhora da Penha, Avenida Marechal Campos e Avenida Vitória. Os bairros mais grafitados incluem Jardim da Penha, de classe média alta, e o Centro Histórico, esse de convívio mais popular. No primeiro, o grafite já faz parte da cultura local há muitos anos, havendo inclusive disputas entre grupos de grafiteiros pelos muros do bairro.

Assim como em outras partes do Brasil, o grafite em Vitória tem sido apropriado por órgãos públicos, empresas privadas, museus e galerias. No entanto, muitos grafiteiros que realizam trabalhos encomendados por essas instituições continuam atuando ilegalmente nas ruas. Para a artista Kika Carvalho, a essência do grafite é o que o diferencia de uma obra autorizada: “[...] o trabalho autorizado eu chamo de mural, faço uma pintura mural e não um grafite. Os dois são semelhantes na estética, mas a essência é outra. O grafite é marginal; o que é autorizado não é mais grafite” (Carvalho, 2014). Para Andrade; Lamas, o cenário acadêmico:

Dois modos de produção artística da arte mural: um modo diz respeito aos murais integrados a uma arquitetura, em seu interior, condizente com uma prática milenar produzida em diferentes técnicas, a exemplo do afresco, das pinturas de superfície, dos mosaicos e vitrais, um grupo de produções legitimadas em seu valor artístico, histórico e cultural. O outro modo refere-se ao grafite, considerando o surgimento do grafite mural como uma vertente, da qual a expressão poética aproxima-se do que constitui a arte mural, manifestada no contexto citadino em grandes dimensões, e muros e prédios da cidade. (Andrade; Lamas, 2021. p.399)

1 Bombs se refere a uma técnica de grafite que consiste em pinturas rápidas, com letras gordas, deformadas ou engraçadas, e formato arredondado.

2 De acordo com o site [grafitti.org](http://grafitti.org), a definição de crew seria- grupo de grafiteiros que grafitam as iniciais do grupo junto de suas assinaturas (tag).

A discussão sobre os modos de produção artística da arte mural revela duas abordagens distintas e complementares. O primeiro modo se refere a murais que são integrados à arquitetura, utilizando técnicas tradicionais e milenares, como afresco, mosaicos e vitrais. Essas obras são reconhecidas não apenas por sua estética, mas também por seu valor histórico e cultural, constituindo expressões legítimas de arte que dialogam com a história e a identidade dos lugares. Por outro lado, o grafite surge como uma forma contemporânea de muralismo, caracterizada por sua expressão poética que se manifesta em grandes dimensões em muros e prédios urbanos. Essa abordagem desafia as convenções tradicionais da arte, trazendo novas perspectivas sobre o espaço público e a relação entre a arte e a cidade. O grafite, ao se aproximar da definição de arte mural, destaca a importância da expressão artística no ambiente urbano e como ela pode transformar e dinamizar a paisagem urbana.

### **O azul de nossas cores: a poesia visual/social de Kika Carvalho**

Jéssica Carvalho, mais conhecida como Kika Carvalho, é licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e iniciou sua trajetória no grafite após um curso sobre a técnica, ministrado no Centro de Referência da Juventude (CRJ) na capital Vitória, em 2009 e, desde então, tem desenvolvido grafites nas imediações da região metropolitana. Ela já integrou os coletivos Levi Casado Crew, Toryba, ao lado de Natanael Souza e César Pimentel, e o coletivo Das Minas, a primeira *crew* capixaba exclusivamente composta por mulheres. A artista também costuma trabalhar de forma independente, como ela mesma afirma: “[...] pinto em grupo também por questão de segurança, mas também pinto sozinha por necessidade de suprir a vontade de pintar mesmo que não tenha ninguém para acompanhar” (Carvalho, 2014).

Em relação à distinção entre pichação e grafite, um debate recorrente no Brasil, Kika não considera que haja uma diferença substancial entre os dois. Para ela, “[...] eu reconheço que o pixo (com X) é um movimento específico de uma região, assim como o xarpi<sup>3</sup>..., mas, de modo geral, vejo tudo como grafite. Não faço essa separação” (Carvalho, 2014). Em seus trabalhos, podemos observar que a presença da imagem feminina é uma constante, como observamos na figura 1.

O contexto no qual Kika é atuante, influencia diretamente suas escolhas artísticas. Em certos espaços, é necessário adaptar-se ao ambiente, como em uma vila de pescadores da Grande Vitória, onde a artista, sensibilizada pela religiosidade local, trocou uma imagem profana por uma figura inspirada na iconografia católica (figura 2). Essa sensibilidade ao ambiente é característica de seu trabalho, que visa tanto interagir com o público quanto marcar sua presença visual.

---

3 Sequência de inscrições iguais, característica dos grafiteiros cariocas. Disponível em: <http://besidecolors.com/xarpi-a-pixacao-carioca>. Acesso em: 18 out. 2024.

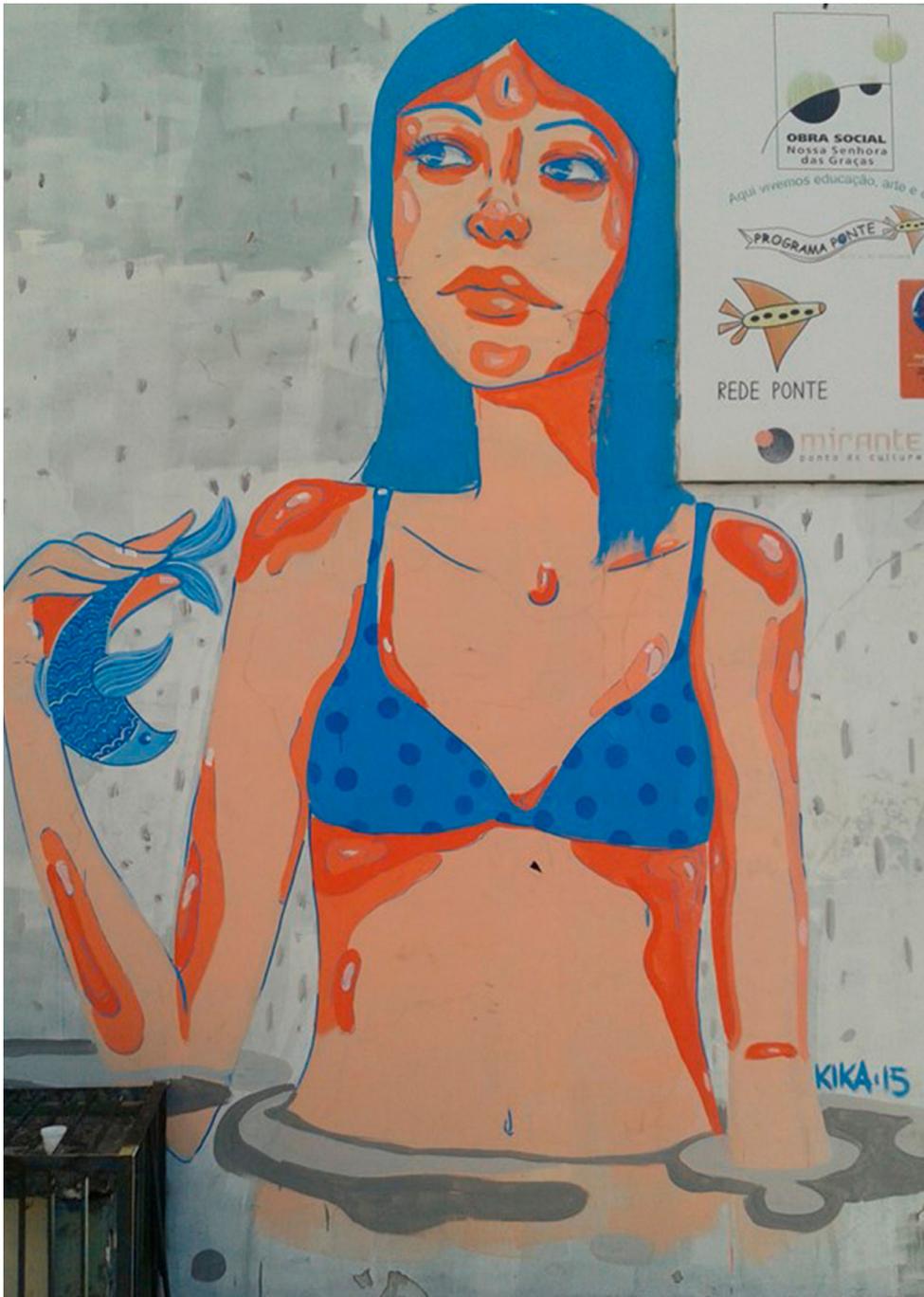


Figura 1. Sem título, Grafite, Kika Carvalho, 2015. Acervo pessoal. Fotografia do grafite realizado pela artista, onde podemos observar a figura de uma mulher estilizada, com a predominância das cores azul e salmão.



Figura 2. Sem título, Grafite iconográfico, Kika Carvalho, 2015. Acervo pessoal. Fotografia da fachada do prédio onde foi grafitado a imagem estilizada de uma santa católica.

De acordo com Reis (2014) “Kika demonstra um cuidado especial com a documentação de seus processos de pintura, preservando rascunhos e desenhos em cadernos e pastas que servem como referência para futuros trabalhos.” Esse zelo pelo processo criativo é mais observado entre grafiteiros universitários, sugerindo que sua formação acadêmica contribuiu para essa prática.

Kika contamina, residências, galerias, comércios e a mídia impressa da Grande Vitória com imagens semelhantes àquelas desenvolvidas ilegalmente nos muros da cidade. Mesmo com a grafiteira afirmando que o trabalho ilegal e em outros suportes não é grafite, é inevitável questionarmos essa afirmação.

Ao invés de [re]afirmar o grafite como uma das mais expressivas formas da comunicação visual urbana, simplificando e encerrando aí o assunto [...] trataria-se de apreender, nele, os caracteres refeitos, os traços alterados pela exposição, nos últimos 40 anos, a esse particular atrator que são os aparatos técnico- midiáticos que hoje povoam quase toda a totalidade da vida social (Silveira, 2012).

No início, seus grafites eram de caráter exclusivamente marginal, exposto sem autorização nas ruas da capital capixaba e em municípios vizinhos. Atualmente,

ela transita entre o marginal e o autorizado, ao passo que imprime um tratamento midiático com seu trabalho em outras vias de divulgação que extrapolam os muros da cidade.

Além de suas atividades como grafiteira, conforme indicamos, Kika Carvalho também desenvolve uma pesquisa artística centrada na cor azul; cor essa que se tornou elemento recorrente em sua produção visual, com múltiplas tonalidades e significados. Sua exploração da cor azul vai além da estética a ela imposta como cor fria e primária, de modo a assumir um caráter simbólico, abordando questões sociais e culturais que dialogam com o restante de sua obra.

Para Kika Carvalho, o grafite carrega em si uma ressignificação não apenas do espaço, mas também da própria identidade urbana. Sua escolha pelo azul como cor central, como sugere Gomes (2023, s.p) em diálogo com a artista, “banhou de sentido ancestral o que era uma escolha particular”, trazendo a seguinte reflexão:

No Brasil, o racismo criou campo para um comentário jocoso e pejorativo que diz que pessoas pretas de pele escura são tão retintas que chegam a serem azuis. Como que uma cor que tem sua origem histórica em um lugar de tanta valorização, que representava na Europa a cor do manto de Maria, pode ser usado de forma pejorativa para falar de pessoas negras? O azul, que até então era usado apenas nas roupas e cabelos de seus personagens, ganhou agora a pele. Uma pele negra azul. “Isso fez-me entender como sujeito e encarar a negritude de outro prisma. Me reconectei a minha ancestralidade”, conta Kika (Gomes, 2023, s.p.).

Em sintonia com o aspecto político da cor, seu uso está intrinsecamente ligado à tentativa de revigorar e poetizar o ambiente em que atua, transformando os espaços desgastados pela rotina e pelas pressões urbanas. Isso reflete uma visão semelhante à de Félix Guattari (1992), que vê o grafite como uma forma de gerar nova poesia a partir do caos urbano, reenergizando a subjetividade da cidade e suas dinâmicas.

A cor azul, com suas nuances, serve como um fio condutor que atravessa suas criações, conferindo uma identidade marcante e coesa ao conjunto de sua produção artística. Paralelamente à sua produção marginal, Kika também desenvolve murais encomendados por instituições públicas e privadas, atuando em espaços autorizados, como por exemplo, o trabalho em coautoria com a organização Cidade Quintal, onde realizou a confecção e execução do mural Mulheres dos Cais.

### **Mulheres do cais: narrativas e presenças na Ilha das Caieiras**

No ano de 2019, Kika Carvalho foi convidada a participar do projeto Caieiras, realizado pela organização Cidade Quintal, que tinha como proposta a criação de um percurso de murais na Ilha das Caieiras, retratando as paisagens cotidianas do bairro ao longo de nove edifícios situados na Rua Felicidade Correia dos Santos.



Figura 3. Sem títulos, grafite, Kika Carvalho, 2019. Disponível em: <https://www.tumblr.com/carvalhokika/186636125705/minha-participa%C3%A7%C3%A3o-no-origraffes-2019?source=share>. Acesso em: 13 out. 2024. Fotografia do grafite realizado para o Origraffes, em tons de azul e amarelo, onde podemos observar a ilustração de uma pessoa afrodescendente.

Segundo a Cidade Quintal (2019), entre junho e outubro de 2019, a presença de Kika na Ilha das Caieiras visou aprender sobre a região e conectar-se com a comunidade local. Apesar do estigma de violência associado ao bairro, um dos mais antigos de Vitória, a área ganhou notoriedade nos últimos anos pelo turismo relacionado à pesca e à gastronomia.

A relação entre a cidade, concebida como espaço urbano, e a paisagem, entendida como percepção e representação, remete às considerações de Rosa Tello (2009). A autora critica um urbanismo dominante masculinista que exclui formas de vida diferentes e impõe uma concepção homogênea de cidade, como se essa



Figura 4. Mulheres do cais, mural, Cidade quintal e Kika Carvalho, 2019. Disponível em: <https://www.cidadequintal.com.br/caieiras> Acesso em: 14 out. 2024. Fotografia do mural realizado em coautoria com a organização Cidade Quintal, para o projeto Caieiras, a foto apresenta a fachada do museu do Pescador com o produto final da parceria.

homogeneidade fosse desejável ou até mesmo agradável. Essa crítica destaca o papel das mulheres na construção da cidade e, por extensão, na construção social da paisagem, que se efetiva através de discursos e representações, como a do grafite (Guerra, 2022).

Kika participou da criação e execução do mural *Mulheres do Cais* (figuras 4 e 5), onde abordou as gerações de mulheres, seu legado envolvendo a água, a pesca e o desafio do siri. A representação das mãos femininas destaca a importância da mulher na comunidade, desde o papel de dona de casa até a figura da pescadora, enfatizando a presença feminina na construção do bairro e na cultura capixaba.

O grafite, por estar no espaço público e muitas vezes carregar mensagens de contestação ou identidade, provoca uma “ressonância” que transcende a simples contemplação estética. Ele suscita discussões individuais, coletivas e institucionais (como entre o governo e a mídia), o que é fundamental para o processo de negociação entre a obra e o público. Segundo Reis (2014)

Apesar do intenso número de imagens que atualmente povoam as cidades contemporâneas, e comum que as imagens grafitadas causem ressonância,



Figura 5. Mulheres do cais, mural, Cidade quintal e Kika Carvalho, 2019. Disponível em: <https://www.cidadequintal.com.br/caieiras> Acesso em: 14 out. 2024. Fotografia do mural realizado em coautoria com a organização Cidade Quintal, para o projeto Caieiras, a foto apresenta a fachada do museu do Pescador com o produto final da parceria.

gerem comentários de forma individual, coletiva e em maiores instancias entre o governo e mídia. Essa ressonância ressignifica o trabalho e gera um processo de negociação entre a obra e o público. (Reis, 2014, p.501)

No caso de Mulheres do cais, figura 5, podemos entender que essa ressonância pode ser vista como uma interação dinâmica onde o grafite não só é reinterpretado pelos espectadores, mas também redefine o próprio espaço urbano, trazendo à tona questões sociais, políticas e culturais, uma vez que o grafite se torna uma forma de comunicação visual com a comunidade local, retratando a importância feminina nesse espaço.

## Considerações finais

A jornada de Kika Carvalho e sua produção no grafite evidenciam o valor dessa forma de arte como um meio de reinterpretação do ambiente urbano e das narrativas sociais. Ao abordar questões ligadas à identidade feminina e à cultura local, Kika não só embeleza a cidade de Vitória, mas também estabelece um diálogo significativo com a comunidade, refletindo as histórias e vivências de mulheres frequentemente negligenciadas. A escolha do azul como cor predominante em suas obras destaca a busca por renovação e poesia em cenários marcados pela rotina, convertendo-os em espaços de reflexão e beleza.

O projeto Mulheres do Cais ilustra como o grafite pode atuar como um veículo para narrar histórias e manter a herança cultural, enquanto desafia as convenções de um urbanismo tradicional que muitas vezes marginaliza as vozes femininas. Essa conexão entre arte e ativismo destaca o potencial do grafite como uma ferramenta de resistência e empoderamento, possibilitando que histórias anteriormente ignoradas obtenham destaque e importância.

A aceitação do grafite como uma expressão artística reconhecida, que se comunica com instituições e locais de prestígio, indica uma transformação nas ideias sociais acerca dessa prática. Contudo, a legitimação do grafite não deve comprometer sua natureza, que está enraizada em sua dimensão marginal e em sua espontaneidade. Kika Carvalho, ao navegar entre o legal e o ilegal, reitera a complexidade que envolve essa arte e sua relação essencial com a vida nas cidades.

Dessa forma, o trabalho de Kika Carvalho não é apenas uma contribuição estética à cidade; ele também é um convite à reflexão sobre a condição feminina, a história das comunidades e a luta por reconhecimento e espaço na cidade. Ao celebrar a presença das mulheres na cultura capixaba, Kika não apenas enriquece a paisagem urbana, mas também constrói um legado que ressoa com as aspirações e desafios das gerações futuras. O grafite, assim, se revela como uma forma de arte que vai além do visual, pulsando com vida, história e a promessa de transformação social.

## Referências

ANDRADE, Larizza Bergui de; LAMAS, Nadja de Carvalho. A arte mural, grafite e o patrimônio cultural: uma revisão de literatura. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 382-402, jan./jun. 2021.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**/ Giulio Carlo Argan; tradução Pier Luigi Cabra- 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CARVALHO, Kika. **O Grafite no estado do Espírito Santo**. Entrevista concedida a Mariana de Araújo Reis Lima, Vitória, 10 jan. 2014.

CIDADE QUINTAL. **Caieiras**. Disponível em: <https://www.cidadequintal.com.br/caieiras>. Acesso em: 14 out. 2024.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOMES, Christinane. Kika Carvalho: o azul ancestral. **Revista Continente**. Portfólio Recife: Companhia Editora Pernambuco, 1. ago. 2023. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/272/kika-carvalho>. Acesso em: 18 out. 2024.

GUATTARI, Felix. **A restauração da cidade subjetiva in Caosmose**: um novo paradigma estético. Ed. 34: Rio de Janeiro, 1992. p.169-178.

GUERRA, Paula. Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. **Horizontes Antropológicos**, v 28, n. 55, p. 19-49, 2019.

GUERRA, Paula. Under-Connected: Youth subcultures, resistance and sociability in the internet age. *Hebdige and subculture in the Twenty-First Century*. **Through the subcultural lens**. London: Palgrave Macmillan, p. 207-230., , 2020ª.

GUERRA, Paula. **Elogio da improbabilidade do patrimônio**. Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação Mossoró: EdUFERSA p. 47-66, 2020,

GUERRA, P. Sul, Sertão e Flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global. **Anos 90**, [S. l.], v. 29, p. 1–15, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.120373. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/120373>. Acesso em: 3 dez. 2024.

REIS, Mariana. Um estudo sobre o processo criativo e atuação da artista Kika Carvalho no espaço urbano da cidade de Vitória/ ES. *Arte Contemporânea*,

Criatividade e Hibridação: o **V Congresso CSO'2014**. Lisboa: FBAUL, p. 500-508, 2014.

SILVEIRA, Fabrício. **Grafite expandido**. Porto Alegre: Modelo Nuvem, 2012.

TELLO, Rosa. **Ciudad y diferencia**: genero, cotidianidad y alternativas. México: Bellaterra Ediciones, 2009.

## **Ana Oliveira**

Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutorada em Estudos Urbanos pelo Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, é actualmente investigadora auxiliar do DINÂMIA'CET. É book review da nova revista DIY, Alternative Cultures & Society (Sage) e editora executiva da Todas as Artes - Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura, e membro das comissões científica e executiva da KISMIF International Conference. Faz parte de três prestigiadas redes de investigação científica sobre música e cultura: International Association for the Study of Popular Music - Portugal (IASPM-PT), da qual é membro fundador, Urban Music Studies, Todas as Artes, Todos os Nomes.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0540-8382>

## **Hugo Bernardino Rodrigues**

Hugo Bernardino Rodrigues é artista plástico e ilustrador, pós-graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, é pesquisador no laboratório LEENA e bolsista da FAPES, dedicando-se ao desenvolvimento de projetos que exploram a intersecção entre arte e pesquisa.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7329-8118>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6934883105393112>

## **João Victor Silva Fernandes**

João Victor é artista plástico graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Mestre pela mesma instituição. É integrante do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes, o LEENA (UFES), onde atua como pesquisador e modelador 3D para a fabricação de Kits Paradidáticos e jogos de tabuleiro com enfoque na miniaturização de Monumentos e Obras Públicas instaladas no solo Capixaba.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3388-9448>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0383349009072114>

## **Mariana de Araujo Reis Lima**

Graduada em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo; Mestre em Artes pelo programa de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição (PPGA/UFES). Pesquisadora em processos de criação nas artes visuais pelo Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes - LEENA/UFES.

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9257-6910>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5568986122418487>